

A LUCTA

Commissão Redactora:

José de Freitas Guimarães,
Diogo de Moraes Junior
* e Trajano Tolentino *

PUBLICAÇÃO QUINZENA

Redacção:

Rua do Triumpho N 7

Assignatura:

Anno 6\$000

Anno I

S Paulo, 1. de Junho de 1894

Numero 1

Summario:

I. *A Lucta*. — II. *A Academia*, D. M. J. —
III. *Pelo direito*, Urbano Junqueira — IV. *Ap-
pello á mocidade*, Jovino Syllos — V. *A um
inglex*, Freitas Guimarães — VI. *Ethologia*,
T. Tolentino — VII. *Em plena natureza*, U.
J. — VIII. *Acção e reacção*, Nemo —
IX. *Bianco vestito*, A. Gil — X. *Cartas
abertas*, Alves Moreno.

A Lucta

A Academia de S. Paulo atrai hoje á
publicidade mais um jornal, não brilhante
e rico de estylo como os outros que brotam
do seu seio, vivificados por pennas esperi-
mentatas, mas não menos sincero, talvez, nem
menos escrupoloso.

E' simples o nosso programma e arrojado,
ao mesmo tempo: tem a simplicidade neces-
saria aos humildes nomes ignorados e o
arrojo indispensavel entre os que, moços
ainda como nós, e, portanto, esperançosos,
tudo veem pelo largo prisma das phanta-
sias, das illusões passageiras, das alegrias
francas.

Apresentamo-nos, sem bagagem de glorias
nem desejosos d'ellas, tão sómente para jun-
ctar o nosso pequenino esforço ao esforço
masculino de collegas distinctos que tem
sabido dar lustre ao nome academico d'esta
terra.

Passaram gerações de grandes poetas, de
grandes oradores, de grandes artistas...

Pelas arcarias da nossa grande «Facul-
dade» ainda pairam sonóras, vibrando todo
o patriotismo acendrado de sua invejavel
alma de poeta, as estrophes gloriosas do glo-
rioso Castro Alves, — esse astro que descam-
bou tão cedo para a noite eterna dos se-
pulchros!....

Ainda resóam, umas, cheias de calor ame-
ricano, outras plenas de scepticismo e des-

consolo, as estrophes do louro Varella, o ado-
ravel sonhadôr de olhos azues!

Ainda vibram, cheios de dôr e desespero,
transbordando ironias aguçadas e todo o
amargo fel de sua grande alma soffredora,
os versos do Alvares de Azevedo incompa-
ravel, esse bardo infeliz como os seus com-
panheiros arrebatados ao mundo tão prema-
turamente, tão cêdo arrancados a este mundo
dos desenganos!

Ainda ouvimos hoje essa trindade gloriosa,
cujos nomes ficaram gravados na eloquente
mudez dos marmores, alto bradando ás ge-
rações, que surgem do topo das portas que
dão entrada para o «Templo do Direito»;
esses tres sóes apagados quando faziam a
trajectoria luminosa pela face immensa da
terra tão cheia de infortunios!

Gerações de talento surgiram.... outras
vieram.... appareceram outras....

Todas ellas deixaram vinculada a sua pas-
sagem, abrindo sulcos de luz na historia
gloriosa dos fastos academicos.

Todas ellas desappareceram, tendo pago o
seu tributo intellectual á «Casa Sancta»
consagrada á Sciencia do Direito.

A' imitação dessas fulgurantes gerações
extinctas, o nosso pequenino grupo — par-
cella menos capaz da geração actual — vem
á arena preparar-se para os combates do
pensamento, prendendo aos hombros azas
de envergadura forte para tentar vôos teme-
rarios e arrojár-se ao infinito!....

Oxalá não sejam de Icaro as azas que va-
mos bater e não se liquefaçam ao calor vi-
vificante do sol da verdade!

Oxalá não sejamos forçados a procurar de
novo a nossa obscuridade silenciosa, a vol-
tar ao ponto humilde de nossa partida arro-
jada, conscios da nossa inaptidão, da nossa
incapacidade, da pouca intelligencia que nos
illumina o espirito!

Oxalá, no vôo temerario que vamos abrir
para outros climas, não desçamos rolando,
n'um desengonçamento arlequinesco, espaço

afóra, para vir de novo á terra de onde surgimos!

Vímos cheios de esperança e dispostos ao trabalho.

Encetamos a nossa carreira jornalística, estendendo as mãos, uma, á Sciencia em sua expansão mais completa possível; outra, á Litteratura nacional que começa de alentar-se agora com o prestigioso apoio dos Drs. Valentim Magalhães e Ferreira de Araujo.

As questões politicas são postas a margem: não entram em o nosso programma.

Não queremos a desharmonia entre os de nosso grupo; desejamos a paz perfeita e completa para avigorar ainda mais, se é possível, a amizade verdadeiramente sincera que nos aperta em uma só cadeia.

Em occasiões anormaes, como agora, terão liberdade plena para proceder como ordenar o seu credo politico aquelles que quizérem fazel-o.

Unidos muito resoluta e desinteressadamente, temos por unico intuito concorrer, com o pouco de que dispomos, para enaltecer o nome academico paulista e dar o pequenino esforço, de nossas pennas, ainda inexperientes, á Litteratura Nacional.

Da politica só diremos sob o ponto de vista scientifico, como um dos ramos differentes do saber humano.

Assim procedemos, é sempre bom repetil-o, para evitar a discordia em um grupo como o nosso, entre cujos rapazes devem reinar sempre a paz completa e a amizade desinteressada.

Tudo, pois, pela Sciencia e pela Litteratura!...

A Academia

Ao iniciarem-se os trabalhos do anno lectivo apparece « A Lucta, » folha academica, fundada por alguns moços, cultores das letras, poucos fracos e inexperientes outros, que vêm para a arena jornalística, trazendo apenas por armas seu estudo e boa vontade.

São aves quasi implumes que, tentando soltar o primeiro vôo pela amplidão da imprensa, esperam a benevolencia dos leitores.

« A Lucta » vem marcar uma phase importante na vida academica. Apenas vinda á luz hoje representa já uma tradição, porque é a continuação da imprensa academica.

Nos dias gloriosos de 92, espargia irradiações auroraes a « Revista », a cuja frente se achavam pennas de mascula força, —

Magalhães de Azeredo, Cesar Bierrembach e outros de inolvidaveis nomes, eram infatigaveis na burilção daquellas paginas brilhantissimas.

Surjam hoje, como hontem, novos collegas, incendeie-se o entusiasmo por de sob as arcadas deste templo da sciencia, que, na phrase elegante de um dos nossos mais illustres mestres — sempre foi o mais luminoso ponto do mappa scientifico brasileiro.

Arribem os poetas, melros melifluos, lembrem as glorias dos tres nomes lapidificados no frontispicio da nossa academia, Alvares de Azevedo, Fagundes Varella, Castro Alves, immortaes cantores que, ao ciciar da brisa do alvorecer, foram tolhidos pela morte, como a flor que se desfolha á caricia branda do halito maritimo.

Venham os escriptores, os oradores, — e unidos pela mesma ideia, procurem fazer luzir a Academia, astro de que são satellites.

É preciso que os estudantes de 94 não desmintam a fama de que merecidamente goza a nossa Faculdade, e que como os cruzados na idade media, sejam infatigaveis no ardor pelo triumpho.

A' imprensa sempre coube importantissimo papel em todas as ideias, em todos os tempos; e é por isso que já Victor Hugo assim se expressava: — « A imprensa é a força. Porque? Porque é a intelligencia. É o clarim vivo: toca a alvorada dos povos; annuncia em voz alta o reinado do direito; não conta com a noite sinão para no fim della saudar a aurora; adivinha o dia e adverte o mundo ».

Sublimes palavras são essas daquella cebração possante. Ellas significam o poder da imprensa.

Venham portanto, collegas, enfileirar-se todos ao som do clarim que toca a alvorada dos povos...

D. M. J.

Pelo direito

Hoje é o dia faustoso, em que a mocidade academica esquecendo por alguns momentos as lucubrações scientificas e desprendendo as suas fronte pensativas de sobre os mestres da jurisprudencia, vem a campo, de peito descoberto com o sorriso a pairar lhe entre os labios, espancar os horisontes trevosos, que acobertão tantas intelligencias luzidias e firmar para sempre os fóros que lhe pertencem como filhos do seculo das luzes.

Collegas, é necessario que nos ergamos desta apathia entorpecedora e á uma imponhamos o verbo auctorizado da sciencia da vida e da lucta — o direito.

Luctar — eis a suprema lei do universo; tudo trava esta lucta inexoravel, desde o infinitamente pequeno até ao infinitamente maior, os atomos pela affinidade, os astros pela harmonia e ordem que existem entre elles. O homem — o ser superorganica — lucta pela sua existencia physica e moral, o mais forte dentre elles abafa o mais fraco, absorve-o, dando logar a que outros mais aptos appareçam. E pois si ella se nos impõe como imprescindivel como precisa, avante! e a imprensa seja o nosso pharol grandioso — o pedestal sublime em que inscrevamos para sempre o modesto nome da actual mocidade academica. E para que tudo isto? perguntar-me-heis; sim para que esta lucta infrene continua e incansavel? Afim de que o nosso modesto titulo de bacharel não se abaixe tanto ao ponto em que se abaixou; afim de o erguermos em gloria perenne, em chispações de brilhantes.

Presentemente quando se ouve dizer: aquelle é um bacharel, um sorriso de sarcasmo entreabre os labios do ouvinte, — sorriso tolo sim, mas que de facto tem o seo fundo de verdadeiro. Mas em tudo isto vae algo de incriminações a tantos moços que para aqui chegam avidos de saber, de beber a lymph crystalina da sciencia pura? Certo que não, pois que elles são como que o innocente rebanho que caminha para o sacrificio, são conduzidos, e não se conduzem a si proprio.

Isto devemos aos nossos lentes, salvo algumas honrosas excepções, os quaes apenas, — triste é dizel-o, — preenchem as suas funcções atabalhoadamente, pressurosos afim de não perderem os grossos proventos que lhes advêm da advocacia ou de outra profissão equivalente, ao passo que o que adquire como lente não pôde correr parêlhas com os outros lucros. Transpõe um estudante os humbraes da academia, e o seo ideal já é o diploma de bacharel quanto mais breve possivel pouco importa a maneira de conquistal-o, nisto resume-se o sonho idealizado nas horas de doces devaneios pelas regiões da phantasia, e mais uma pedra de rubi reluzente deslumbrante, que fascine os olhares das bellas e dos simples curiosos. E somos culpados? Não; a alma da mocidade é a phantasia — illusão que embala docemente os sonhos fagueiros, e pois si ella vê a trave de titulo a completa realisação dos seus sonhos, — a porta que se abre para o panteon da gloria!! adeos estudos aturados deixemol-os para a vida pratica. Mal sabe o infeliz o abysmo que se escancara hiante para tragal o; a cada instante tropeça, senão que muitas vezes cae por terra, a custo podendo-se levantar. Aqui pois nestas linhas lavro o

meo humilde protesto que vae a modos de um pedido: Animo! que o tituto de bacharel será um titulo de gloria, a benção da sciencia sobre os seus incansaveis pelejadores.

URBANO JUNQUEIRA

APPELLO A' MODICIDADE

Sempre luctar! Eis a grandiosa divisa, que todos nos, devemos trazer, ao percorrermos esse caminho heroico e ao mesmo tempo terrivel, que temos de atravessar, para gloria nossa e das gerações vindouras.

O tempo esse terrivel desorganizador, que sobre a terra, nada deixa sem uma transformação; elle que tudo apaga; nunca poderá extinguir nos nossos cerebros de moços, essa idéa, firme, resoluta, de sempre caminhar, em busca d'esse gloriosissimo sceptro, que se chama: Posteridade!

E para este desideratum, nada mais facil á mocidade, do que unir-se no mais estreito laço de fraternidade e com um só coração, caminhar sempre, levando ao seu lado a imagem da esperanza que é a Deusa da juventude.

E' com este intuito, que hoje no glorioso Estado de S. Paulo, terra de tantas tradições, onde a mocidade sempre occupou um dos primeiros logares, surge um vulto, humilde em seu formato, porém grandioso quanto ao seu fim.

Chama-se «A Lucta», traz em seu seo ás mais vivificantes idéas; seus combatentes são moços, fortes, cheios de coragem, para os quaes não ha barreiras, visto como o ardôr com o qual defendem suas idéas, ha de imperar ante os obstaculos.

São estas as virtudes necessarias, para se ter entrada em um gremio, onde a idéa scintilla e a acção não se faz esperar, d'esde que, assim ordenão os principios da moral e da justiça.

O meu fim, ao traçar estas linhas, onde facilmente se observarão os meus apoucados dotes, não é outro senão e chamar ao verdadeiro caminho, essa mocidade tão heroica, quão intelligente.

Um dos nossos mais distinctos poetas, o insigne Fagundes Varella, disse: Luctar é viver, viver e luctar!

O mesmo direi á mocidade.

Só assim, poderemos um dia, bradar com o mais santo dos enthusiasmos: A Patria Brasileira é feliz, porque conta em seu seo uma pleiade de moços cheios de energia, e verdadeiramente compenetrados dos seus deveres.

S. Paulo, 19-5-94.

JOVINO SYLOS

A UM INGLEZ

(A EUGENIO CAMPOS)

Bruto inglez incivil que machucaste um pé,
Antithese do teu, mimoso e pequenino,
Um pé de lyrios feito, um pé branco e franzino,
Um pé que a gente adora, estatico si o vê!

Pobre inglez infeliz! no vórtice da valsa,
Porque, tacanho e vil, magoaste a seda cara
D'aquelle pé taful, de uma belleza rara,
Cuja brancura ideal o sangue azul realça?

Porque? Accaso tu, aos pinchos habituado,
Julgaste fosse inglez o pé encantador
Que tu pisaste — leve pétala de flôr —
— Branco como o Edelweiss em neve desbotado?

Louco que foste! Não soubéste comprehender
A grandesa ideal do rodopiar galante!
Não soubéste ascender, alegre a triumphante,
Travez do céu azul, as azas a bater!...

Não soubeste pairar nas regiões do puro,
No encantado paiz do vago, á phantasia
O pensamento entregue, ouvindo uma harmonia
Capaz de emocionar o coração mais duro!

Não soubeste parar a cúpula do espaço
E passeiar a vista, além, pelo infinito;
Foste muito infeliz! Jamais, inglez proscripto,
Has de enlaçar-lhe á cinta os musculos do braço!

Jamais has de valsar ou vaguejar, sonhando,
Pela patria feliz, nas azas do Ideal!
Jamais has de ascender, alegre e triumphal,
Travez do azul do céu, as azas tatalando!

Jamais has de subir aos vertices extremos
Erguidos para o céu em franco desafio,
Nem has de te embalar, na placidez de um rio,
Em gondola de prata impulsiona a remos!...

Não tens culpa, infeliz! nem tens mesmo, talvez,
Certeza da infinita magua que causaste!
Valsavas... era um sonho, e, ingenuo, molestaste
Um pé teteia, um pé que mal nenhum te fez!...

Foste dançar: cahiu-te ás plantas, dominada
Pelos olhos do par, tua alma sonhadôra!...
Era noite... e, no emtanto, em purpuras, a aurôra
Surgia para ti na abobada estrellada!...

Era noite... e, no emtanto, em cantos argentinos,
Ouvias gargantear a passarada em festa,
Saudando o despertar do dia na floresta,
Ao badalar festivo e bronzes de mil' sinos!...

Não tens culpa, bretão! Si ás vezes danço, enquanto
Meu corpo vai girando, est' alma tambem vôa,
Alegre como a tua, e as notas abençoã
Vibrando pelo espaço!... Assim tambem, comquanto,

Arrebatado, o corpo eleve-se, vôando,
Vou bebendo, no olhar da minha companheira,
Luz capaz de dourar uma existencia inteira,
Raios que vão meu peito, aos poucos, penetrando!

Tambem eu, como tu, as tranças do cabello,
Emquanto o corpo meu, arrebatado, gira,
Vejo vibrarem mãos, quaes fossem de uma lyra
Sonoras cordas de ouro, envoltas em novello!...

Por isso, e porque sei que evitarás pisar
Em pés brancos, nevados, cysneos, pequeninos,
Em pés de lyrios feito, em pés assim, franzinos,
Vou pedir teu perdão, de joelho, ao teu par!...

: : : : : : : : : : : :

Perdoai-lhe, Senhora! o coraç o humano,
Quando sente feril-o o dardo envenenado,
Sacode-se no peito — o carcere quebrado —
E suffoca a razão com garras de tyranno!...

JOSÉ FREITAS GUIMARÃES.

Ethologia

Ages are spent in collecting materials, ages morem in separating and combining them.

MACAULAY

O principio da divisão do trabalho physiologico ou do progresso organico, vagamente entrevisto por antigos pensadores e constatado por Milne Edwards para os seres organisados, não ficou sómente no terreno da biologia como pedra angular da morphologia dos organismos; mas tornou-se nas mãos d' eminentes pensadores a cuja frente se colloca H. Spencer uma lei que imprimio radicaes e fecundissimas transformações a todos os ramos do saber humano. E em parte alguma essa marcha do simples ao complexo,

do homogeneo ao heterogeneo encontra talvez mais brilhante confirmação do que no proprio terreno da historia da sciencia.

Esse todo confuso que na antiguidade chamou-se phisosophia soffreo tambem essa fatal desagregação que, scindindo dia a dia o seu dominio, foi dando a cada uma da multidão das sciencias de nosso tempo a autonomia de que ellas careciam para seu completo desenvolvimento e para a completa expansão de sua vitalidade. Mas, como no resto da natureza, essa progressiva especialisação tem como resultado ultimo, não uma completa independencia, mas sim uma perfeita harmonia entre todos os ramos da sciencia, harmonia analoga á intuitiva sympathia physiologica que unindo todos os orgaos de um mesmo animal o individúa e o faz tanto mais distincto do meio externo quanto mais elevado na serie zoologica elle se acha.

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO

Uma das sciencias que por ultimo conquistaram essa autonomia é a psychologia que, hoje, fazendo-se mesmo abstracção das controversias sobre a natureza dos factos psychicos e da consciencia, não pode ser reputada um simples capitulo da biologia ou da philosophia.

Graças a sua autonomia a custo conquistada e hoje ainda vivamente disputada por aquelles para quem o dualismo da natureza humana é um principio sobre cuja verdade toda a discussão é um crime, a psychologia tem adquirido um desenvolvimento tal que muito é permittido esperar de suas applicações á sciencia da educação etc. Esse desenvolvimento terá talvez como resultado o nascimento de uma nova sciencia, a *ethologia* como a chama Stuart-Mill, ou a sciencia do character, derivada, baseada sobre os principios da psychologia.

Mas a mais brilhante esperança que deve animar-nos ao observar esse processo de scissiparidade por excesso de crescimento da psychologia, como de todas as sciencias, é a de vermos um dia constituidas duas sciencias da mais immediata e intuitiva utilidade: a psychologia dos povos sobre a qual tanto insiste Fouillée e a ethologia ou a sciencia do character dos povos.

Innumeros são os materiaes que esparsos no terreno da historia, da ethnologia e da ethnographia, deverão constituir esse novo monumento da Sciencia. A historia politica nos retracando a lenta mas progressiva evolução dos povos, da humanidade inteira para uma perfeição que ella não attingirá jamais; a ethnographia mostrando-nos povos que tocam ainda na animalidade, exemplos vivos das passadas eras, povos mais adiantados e povos mais civilisados ainda, todos a nos attestar qual foi a penosa marcha da humanidade atravez dos tempos; a geographia physica, e a observação directa dos costumes, serão suas fontes principais.

A ethologia ou psychologia dos povos será talvez no futuro a mais segura base da sciencia politica.

A alguns essa audaciosa vista sobre o futuro emittida por alguns sabios parecerá talvez uma utopia, um sonho. A esses basta recordar que seus materiaes são innumeros, que seus germens existem em toda a parte onde encontremos uma sciencia social. Com effeito, Hippocrates, Pascal, Montesquieu e muitos outros já haviam reconhecido esta verdade, evidenciada pelo moderno naturalismo philosophico: que cada grupo ethnico differencia-se, mesmo d'aquelles que lhe estão mais proximos, por uma multidão de caracteres physicos, anthropologicos e sociaes

que lhe emprestam uma indole particular que se revela nos seus usos e costumes, na sua lingua religião e moral.

E da applicação e do desenvolvimento d'este principio, da reunião em um todo systematico de verdades como essa de ha muito apregoadas e confirmadas pelo constante testemunho da historia e pelo testemunho mais recente das sciencias anthropologicas, que o futuro espera mais segura indicação, na adopção para cada povo de instituições adequadas ao seu carater, ao seu genio.

TRAJANO TOLENTINO

Em plena natureza

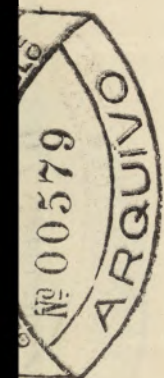
Tranquillas aguas, diaphanas e transparentes, reflectindo a luz do luar fagueiro, que envolvera toda a matta densa extendida ao longo da margem do Rio-Grande, nunca mais vos esquecerei.

Ella, a lua deslisava merencoria e prateada na immensidão de vés uma meia escuridão entristecia a paisagem, era ella que mergulhava em flocos de nuvens escuras e pardacentas. Mas que noute!... era uma das muito que passamos á beira do caudaloso rio, dando que fazer aos peixes, antas, veados etc.

Esta pallida descripção é um vislumbre uma sombra do que ostentava a natureza.

Mansamente as aguas marulhavão suave murmurio que se harmonisava com o silencio solemne das trevas, apenas de leve entrecortado pelo mugido plangente e melancolico d'alguma vacca que pastava na relva macia da campina. Eramos oito pessoas, abrigados apenas por um vasto rancho de sapé fechado aos lados por páos a pique. Este silencio reflectia-se-nos, a par do vago receio, que envolve o homem, collocado no seio da natureza virgem e grandiosa. De longe em longe o ladrar de um cão, vinhamos afagar trazido pela briza leve susurrante nas ramagens das arvores. Mas que de saudoso e triste havia neste simples latir de um animal-plangente melodia, adeos partido do infinito. O camarada trouxe-nos o café, e alli mesmo assentados na fresca relva nós o saboreamos em sórvos curtos e agradaveis.

Advertimos ao nosso amigo-o camarada; sim poisque nestes momentos em frente á grandiosidade da natureza, nós os mesquinhos mortaes julgavamos uma irrisão-um um contraste a distincção de classe; advertimos ia dizendo, a elle que vigiasse os cães que dormião ao redor do rancho, fizesse fo-



gueiras afim de espantar os animaes bravios, e visse si as armas estavam todas em seos logares dependuradas na parede. Afóra isto, —entre parenthesis, que veio pôr um pequeno interromptimento, continuamos na mesma contemplação no merencorio e pesado silencio. As chammas das fogueiras lamberão o espaço, irradiando, compondo côres phantasticas e mephistophelicas nas aguas tranquillias, parecia-nos o combate entre o inferno e o céu o desafio lugubre entre os dous elementos- agua e fogo.

Meia-noute dissemos a uma vóz, consultando os relogios.

Sabem, leitores que é a hora das fadas, das almas perdidas que vêem cumprir o seo triste fado nas encruzilhadas;—a hora dos gemidos plangentes e tetricos das almas sahidas dos corpos duros gelidos pendentos por uma córda do galho truncado e forte da gigantesca arvore — cúmplice involuntaria do ultimo arranco do grito lancinante cuspidos aos céos pelo suicida da liberdade — o es-eravo, e porisso ella obrigada sempre a ouvir o triste lamento á sua sombra-lamento continuador daquelle grito lancinante, que por momentos cessou abafado acariciado pelas auras fagueiras — brizas nocturnas que traziam de envolta o eccho da liberdade — 13 de Maio. Todos vós conheceis, leitores, estas historias contadas pelas velhinhas corcundas — faces engelhadas — cabellos brancos de neve, quando erão pequeninos.

Bem, reuni tudo isto áquelle vago receio e façais a idéa do pesadello horrivel que cahio-nos sobre o coração. Despuzemo-nos a entregar os corpos cançados aos braços de Morphêo, representados aqui por leito tosco de páos roliços. Por um instante lançamos os olhos tristes e pezarosos pelas aguas murmurantes, e mudos dissemos um adeos tacito á deusa que campeava tranquilla e solemne deslizando suave no immenso mar de nuvens. Mas que ! ! paramos extaticos, — coração a palpitar descompassado e forte-ouvido alerta; um som imperceptivel fraco morria ás margens do rio, a leve ondulação das aguas, parecia uma musica celestial, — crescia, augmentava,—erão sons dedilhados por seres invisiveis — por anjos. Olhamos, — vultos embalados n'uma leve barca, azul azul — côr do céu. Em entusiasmo nevrotico, n'um phrenesi doudo indizivel; ás armas ! !... e um ribombar sordero repercutio no coração da matta, cães acudirão, latindo furiosos -- hidrophobos. A leve barca oscillante desapparecêo como por encanto com os vultos brancos — brancos cór de neve, deixando, soltando aos ares uma última nota — um suspiro suave-saudoso de melancholia...

Ouro Preto, 18-1-94.

U. J.

Acção e reacção

A humanidade tem sido comparada pelo reformado religioso de 1520 a um homem embriagado que caindo do cavallo pelo lado direito, montado de novo, cahe pelo lado esquerdo.

Com effeito, em continuas oscillações entre tendencias extremas resume-se, por assim dizer, a historia de philosophia. A' antiguidade classica antes de tudo materialista, succede no mundo hellenico a reacção iniciada pela escola de Athenas: Socrates, Platon e Aristoteles personificam a reacção contra o materialismo e o sensualismo da antiguidade (1). A historia do pensamento humano desde esse momento até a Renascença é de todos conhecida e muitas vezes pintada com as mais negras côres: é um negro quadro de horrores e crimes allumiado ao fundo pelas chammas das fogueiras que se reflectem sinistramente no livido rosto do asceta. A nova direcção que o pensamento toma do seculo de Leão X até nossos dias attestam-n' a grandiosos monumentos, titulos immo-redouro de gloria da humanidade a mostrar quão longe do declinio fatal está a especie humana.

Tal é a lei do desenvolvimento humano; e a obra dos grandes genios, diz um escriptor tem consistido principalmente em conciliar as tendencias oppostas de seu seculo.

Qual a razão de um phenomeno tão constante? A sua producção depende sem duvida de uma indefinida multidão de causas que a sciencia contemporanea está ainda muito longe de poder assignalar. Mas façamos uma comparação:

— A uma idéa ou a um systema philosophico que lucta pela existencia, substituímos um organismo animal, e ao meio social em que essa idéa ou esse systema se desenvolve substituímos o meio physico que modifica esse organismo.

Schematicamente a adaptação consiste em uma resistencia do organismo animal á influencia do meio e na acção fatal d' este ultimo que lhe imprime taes ou quaes modificações. Modificações assim, hereditariamente transmittidas e accumuladas de geração em geração, formam uma nova variedade ou uma raça nova.

Supponhamos agora uma idéa ou um systema philosophico que lucta pela existencia contra o meio em que tem nascido, soffrendo ao mesmo tempo a acção d' esse meio longamente continuada atravez do tempo. Pouco a pouco essa acção tornar-se-á maior que a

J. SOURY. — *Hist. du materialisme*

resistencia e quando essa desproporção se tiver tornado altamente notavel eis que rejuvescerão no systema as tendencias contra as quaes elle havia luctado.

Em resumo, si com uma comparação tão imperfeitamente esboçada nós pudessemos dar a razão de acção e reacção concomittantes ou successivas do espirito humano, diriamos que *esse phenomeno consiste na acção reciproca da idea que lucta pela vida e do meio contra o qual ella lucta e que a supéra muitas vezes.*

São Paalo - 20 - 5 - 1894.

NEMO

Bianco vestito

Quando meus olhos viram n'a, pela vez primeira, trajava um modesto vestido branco, tão branco e tão alvo como a sua alma de creança, em pleno alvorecer dos annos.

A tarde, oh que tarde, aquella! era como a de hoje: triste, muito triste; no céu, plumbeo as nuvens, quasi negras, corriam e, de quando em vez, um relampago fendia o espaço; a noite approximava-se lentamente...

Na pequenina egreja da villa ardiam cirios, como se fossem luzes de pequeninas estrelas: o silencio religioso que então reinava era interrompido pelos accordes do organ, que se iam perder ao longe, como um ultimo adeos...

Ella, juncto á Virgem, orava piedosamente; tinha no olhar azul e meigo a doçura casta dos olhos de uma santa. Lindo, oh tão formoso e triste era seu rosto palido, que ao vel-o, senti-me commovido: julgava contemplar a madona que a sonhadora Italia tanto venera.

Seus loires e garrulos irmãosinhos a chamavam Sinhá. Para mim esta tinha um nome mais poetico e mellifluo; suave, como o aroma estonteante que se desprendia de seus cabellos setineos e loiros, cahidos em ondas voluptuosas e fartas pelas espaduas; para mim, para meu coração que amava a castamente, Maria era seu nome.

Não poudé se me apagar da memoria aquelle quadro simples e bello, nem mesmo com o decorrer do tempo. Julgo ainda vê-la de branco, ajoelhada, embriagando-se no sublime éxtasis da religião, numa attitude de quem soffre resignadamente; parece-me ainda ouvir os accordos do organ da pequenina egreja, cujos sons iam-se perder ao longe, como derradeiro adeos.

Tude me recorda esse feliz e saudoso passado, tudo! E, por mais que o tente, aquelle

quadro simples e cheio de poesia não se me apaga da memoria:—E' que tenho-o gravado indelevelmente no coração, tumulto de minhas pobres esperanças!

A. GIL.

CARTAS ABERTAS

A' Urbano Junqueira

Saude, presado amigo!

A ti que nunca vieste a Santos e, portanto, não conheces ainda a serra que a locomotiva galga, arfando, para ir ter a *Paulicéa* adoravel; a ti que te alegras com o ouvir fallar de viagens, feitas através de montanhas elevadas e caudalosos rios; a ti, emfim, que aprecias as narrativas simples, sem torneios de phrase, vou contar como a-travessei, mettido em um comboio, a *Paranápiacaba* gigantesca que separa esta terra dos *santos* da cidade gloriosa sm que vives, eternamente devaneando.

Eoi no anno de 1893. Maio fallava pela bocca delicada das flôres variegadas que perfumavam a natureza, n'uma orgia de tintas indescrictivel. Um friosinho cortante arrepia a epiderme, fazendo roxas as mãos que a custo se moviam.

No *wagon*, depois de haver examinado detidamente a physienomia dos meus companheiros de viagem, cheguei á janella que se abria para a *gare* e debrucei-me, olhando os que chegavam correndo, gesticulando, apertando embrulhos sob os braços. Um espadauó negro enorme, vestido com alguma correção, apregoava o jornal do dia, cheio de annuncios, ainda cheirando á tinta fresca, Formigava na plataforma uma multidão compacta, aos encontrões, atirando os punhos no ar. Dir-se-ia um esquadrão de loucos evadidos, á espera de condução para melhores climas... Havia alli de tudo: Obesos, de rosto, vermelhos, mandibulas salientes, olhos pequeninos; esqueletos animados, presas da tuberculose, faces chupadas, anemicos, olheiras fundas e negras, ossos cosidos á roupa; musculaturas fórtes de gigantes, carnudas, em todo vigor, porejando vida»...

Physionomias contrahidas, umas; outras, alegres, escancaradas as boccas, rindo, contemplavam-se inconscientes...

Era o mundo, em miniatura, com as suas pompas, suas riquezas, seus andrajos, sua miseria.

Fechado no carro que ia conduzir-me d' este porto *hygienico*, fitava eu o relógio, suspenso de uma verga de ferro á porta da telegraphia, quando a machina silvou estridulantemente a partir, arrastando o *tender*.

A fumarada da locomotiva, em bulhões, arrojada com força, para o alto, subia esgarçando-se, casando-se com a neblina da manhã que toucava os montes, empinados além.

E eu via da janella, voltada a vista para a terra dos Andradas gloriosos, desapparecerem, a pouco e pouco, na cerração matinal, os mastros das embarcações surtas no porto, apontando para o infinito nimbado, com bandeiras de nações amigas, desfraldadas, tremulando nos tópes.

Vélas brancas enfunadas, pandas, recurvas ao vento marítimo de Maio, sumiam-se ao longe, perdiam-se na sombra, bem distante, no extremo do canal, diminuindo de vulto.

Andorinhas no ar, librando-se festivas, traçavam linhas multiformes e deixavam-se cahir, cortando o vôo, como fulminadas repentinamente, sobre o beiral do telhado das casinhas que malhavam a estrada de branco, pondo uma nota alegre na paisagem,

Depois, appareceram arvores na carreira; passavam por mim, correndo, desengonçadas, tontas, girando, n'um macabramento diabolico, n'um *sabbat* terrível e satânico.

E a locomotiva, rolando nos trilhos vertiginosamente, célere, vôando, n'um ápice varou as duas pontes primeiras, uma, arqueada sobre as aguas do canal, assentando sobre enormes pilares; outra, menor que a do *Casqueiro*, debruçada sobre aguas barrentas que escorriam morosamente...

A marcha era tão veloz que até me fez pensar na locomotiva da « *Bête Humaine* », a feroz machina sem guia, caminho do abyssmo... Subito, porém, um apito fortemente agudo atroou os ares, e a marcha fez-se mais vagarosa, e mais, e mais, annunciando o « *Cubatão* ».

Pequenina estação telegraphica pouco além de Santos, o expresso passou por ella, sem parar, e recobrou de novo, em *crescendo* pausado, a marcha célere, a velocidade diminuindo, precipitando-se febril, estrada fóra, tracejando no espaço, com o fumo que irrompia da chaminé, uma fita muito branca que ia se apagando, e, ás vezes — raras porém — pequeninas circunferencias que ascendiam muito alto, fazendo-se grandes, desmanchando-se em cima. A dança macabra dos vegetaes recomeçou: era realmente bello de ver-se o rodopiar precipite dos troncos envelhecidos pelos annos; das hastesterras e pequeninas, cheias de rebentos novos de um verde claro vigoroso; dos cupins antigos, semeados pelos extensos campos irregulares, pintalgando de vermelho e preto a vegetação esperançosa que rastejava, estendida para além...

Da beira da estrada, por dentro da cerca de arame farpado que a-defende da invasão

dos animaes domesticos, ao approximar-se o trem, fugiam assustadas, sacudindo as caudas, meneando as cabeças ornadas de recurvos chifres, vaccas aos magótes, ébrias de pavôr, de espanto...

Outras, ao longe, espalhadas pela campina, cabeça baixa, pacificas, mastigando, vigiavam carinhosamente pequeninos bezeros recém-vindos ao mundo.

O sol, no oriente em purpura lavado, levantava a cabeça fulva, olhando a terra, frechando o ceu com settas d'oiro, dardejando a cordilheira.

Aves saltavam na ramaria, alegremente, garganteando uma saudação soberba á natureza.

No hynverno, como não ignoras, o astro do dia custa a apparecer; sóbe muito tarde as escadarias rubras de léste, para espiar por detraz da neblina que a temperatura cerra a noute, essa neblina diaphana que paira no ar. E a locomotiva, precipite, rolando, arfava, arrastando o *tender*... e a dança macabra proseguia...

Novo silvo, porém, demorando, a pouco e pouco, a marcha acelerada, indicou nova estação, perto. Era a « *Raiz da Serra* ».

A machina deteve-se vagarosamente, bafejando a cobertura da plataforma, e ao estacar, pareceu sacudir chocalhos, sob os *Wagons*. Emfim chegámos. Abertas as portinholas, sahimos todos e fomos engulir uma chicara de café.

Depois... viria a ascenção nas machinas fixas...

Para isso, enquanto bebiamos, a locomotiva manobrava já, levando carros para prender ao grosso cabo de aço.

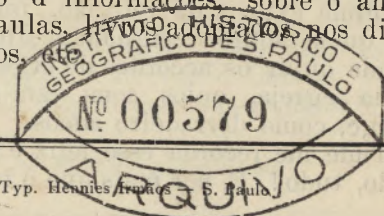
Em volta, fechando o horizonte apertado, as serras, cavalgando-se, pareciam gigantes dormindo.

A' minha frente, a ingreme subida a vencer...

ALVES MORENO

AVISO

Aos collegas residentes no interior ou fora do Estado a commissão redactora d'« *A Lucta* », faz sciente que terá sempre aberta uma secção d'informações, sobre o andamento das aulas, ~~em todos os~~ nos diferentes cursos.



Typ. Henriques Brothers, S. Paulo.